

POR RICARDO JACOMASSI,

ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY PROJEÇÕES ECONÔMICAS

✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR



SÉRGIO BRITO

PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA MUNDIAL

Os primeiros números consolidados da economia mundial – divulgados nos meses do primeiro semestre de 2011 – mostraram um divisor de águas entre os principais países. Essa divisão pode ser evidenciada pelas projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) para os anos de 2011 e 2012 sobre as expectativas do Produto Interno Bruto (PIB) para a maioria das economias. A radiografia extraída dos números do FMI mostrou um forte deslocamento do crescimento mundial – dos países ricos para os emergentes, com os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) funcionando como os principais motores do crescimento mundial.

Para o FMI, o PIB mundial deverá crescer em 2011 aproximadamente 4,5% e, em 2012, próximo dos 4,1%. A amargar o lado do baixo crescimento estão as economias da Espanha (0,8% em 2011 e 1,6% em 2012) e da Itália (1,1% em 2011 e 1,3% em 2012). No lado oposto, ou seja, de alta taxa de crescimento do PIB, encontram-se a China (9,6% em 2011 e 9,5% em 2012) e o Brasil (4,5% em 2011 e 4,1% em 2012). Para a maior economia do mundo – os Estados Unidos –, de acordo com o FMI haverá crescimento de 2,8% em 2011 e de 2,9% em 2012, com taxas superiores às da União Europeia, de 1,6% e 1,8%, respectivamente. Esse resultado reflete o enfraquecimento da economia europeia, combatida pelo seu alto endividamento público. Solapado pela supressão da demanda mundial, o setor industrial vem apresentando recuperação moderada. Na comparação entre o primeiro trimestre de 2011 e o período correspondente de 2010, a produção industrial expandiu-se 6% na região do euro, em taxa semelhante à dos Estados Unidos, de 5%. A indústria brasileira não foi destaque e se acomodou com o crescimento de 2%, desfavorecida pelas medidas macroprudenciais do Banco Central e pela valorização do real. Por parte do Japão, como se já não bastasse a perda da posição de maior exportador mundial para a China, houve queda de 1% na produção industrial na base de comparação trimestral. Na análise mensal – entre fevereiro e março de 2011 – porém, a queda foi de 15,5%, motivada exclusivamente pelo terremoto que danificou parte das indús-

trias dos seus principais setores, como o de automóveis. A taxa de desemprego, importante para determinar a dinâmica do consumo, continua elevada na União Europeia, com 9,9%. Um dos motivos dessa alta envolve a lenta recuperação da produção industrial, sem contabilizar os riscos da crise fiscal de alguns dos seus membros. Nos Estados Unidos, o desemprego permanece com uma das maiores taxas de sua história, próxima a 9,0%, enquanto a taxa urbana do desemprego na China atingiu 4,1%. A inflação acumulada nos 12 meses está em alta tanto nos Estados Unidos (3,2%) como na União Europeia (2,8%). Na observação de seus determinantes, causa preocupação o fato de a elevação estar sendo motivada exclusivamente pelas altas das *commodities*, e não pelo consumo doméstico, que segue enfraquecido. O final do primeiro semestre de 2011 oferece indicativos sobre como a economia mundial se comportará nos próximos meses e, de fato, ressalta a fragilidade das economias desenvolvidas através de seus indicadores econômicos desanimadores. Por fim, as projeções do FMI para a economia mundial apontam para 2012 uma estabilidade com pouca consistência que nos leva a crer que ainda existe o risco de uma nova crise. ■

Gráfico – projeções do FMI

